ANO I N.º 18
Nume ro avulso 5$oo

LOURENÇO MARQUES
1 de Janeiro de 1934

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

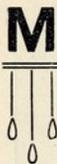
Propriedade da Emprêsa Tipografica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

Dois frutos encantadores... duma arvore do palmar da Polana...

(Fotografia de José Martins da Gama).

"TERRA DE PORTUGAL"

Alguns dos seus interpretes vistos por SANTANA

Crónica da Quinzena

Mais um ano passou...

Por todo o mundo, á meia-noite de 31 de Dezembro, a mesma Humanidade infantil vaiou, apupou, assobiou o velho 1933, moribundo, agonico, nos ultimos estertores...

Dos mais velhos aos mais novos com entendimento (homens, mulheres e crianças), todos, por esse mundo, cumprindo a tradição, fizeram «figas» ao Ano Velho que se foi...

Ha qualquer coisa de cruel, de deshumano, de ferino — e de covarde — neste empurrar para a cova, grotesco, de um ano que rolou nos seus 12 meses harmoniosos e fecundos que o homem não soube aproveitar... Faz lembrar a fabula do velho leão moribundo... Aquele leão ao qual o proprio burro deu a patada, na hora do trespasse...

■ ■

A Humanidade é, afinal, na verdade, uma criança... A eterna criança... E, como tal, inconsciente, obedecendo a impulsos nem sempre bons, supersticiosa, vingativa e covarde...

Inconsciente, porque não repara em que os anos, que rolam uns sobre os outros, não têm a mais insignificante parcela de culpa nos desvarios dos homens, nas lutas dos homens, nas desgraças dos homens, nos crimes dos homens...

Desde tempos imemoraveis, mais ou menos por todo o mundo, que, quando uma criança cai ou se magôa em qualquer parte — numa pedra, numa mesa, num ferro, seja no que fôr — os pais, os parentes, as amas, os criados, costumam castigar esses objectos, essas coisas, esses sitios, batendo-lhes repetidas vezes, para que a criança se cale e fique satisfeita... E, todavia, essas coisas, sem alma, sem inteligencia, sem vontade, sem instinto, alheias por completo ao destino dos homens, responsabilidade alguma podem ter nos varios acontecimentos da vida destes... Grave erro educativo constitui, pois, semelhante condenavel pratica, que ao depois vai reflectir-se, pela vida fora, na mentalidade e na alma de todos quantos assim foram criados...

■ ■

Mas o mal vem de mais longe, de mais antigas datas, de mais remotas epocas... Vem desde o tempo em que o homem primitivo, animal bravio, bruto nado e criado no seio da Natureza, com a alma embrionaria povoada de pavores e a inteligencia, caotica e informe, despertando, aos poucos, do pesadelo da treva para as idéas primarias — atribuia, confusamente, a tudo o que o cercava, os beneficios e os maleficios da sua vida de acaso...

E esta vida de acaso num meio externo hostil, incompreendido, repleto de misterio, de riscos e de temores, gravou na alma humana, indelevelmente, a superstição, a covardia e o espirito de vindicta... O proprio heroismo, em muitos casos, bem analisado, bem escalpelizado, não passa, muitas vezes, duma deformação da covardia — tal qual como das entranhas da terra surge o ouro e o diamante, as perolas preciosas de uma doença das ostras, dos nateiros dos rios o humus que fertiliza as suas margens e da degenerescencia superior ou de sublimes anomalias o genio criador de certos homens...

E esta inconsciencia, esta superstição, esta covardia, este espirito de vindicta, tudo quanto se amassou e se foi sobrepondo nas camadas estratificadas desta Humanidade, desde os seus primeiros dias, irrompe lá do fundo, á superficie, desentranhando-se em florações malignas e ridiculas...

■ ■

Mais um ano que passou...

Por todo o mundo, á meia-noite de 31 de Dezembro, a mesma Humanidade, infantil e primitiva, vaiou, apupou, assobiou o ano findo nos seus ultimos estertores...

Levada pela covardia, tal manifestação de desprezo não a fez quando o velho 1933 ia a meio da sua trajectoria... Não fôsse ele — superstição demoniaca! — procurar vingar-se e tornar-se pior ainda, enchendo o mundo de maiores calamidades!... Por isso, aguardou que ele chegasse ao seu termo, que se esgotasse até o ultimo minuto, que exalasse o ultimo suspiro, que se tornasse completamente inofensivo, incapaz de qualquer reacção, de qualquer movimento, de qualquer ameaça — para, então, lhe fazer a cruel assoada...

Mas, levada pela mesma covardia e pela mesma superstição, assim como cobriu de ridiculo e apupou o Velho Ano morto, cobriu de incenso, de canticos festivos, de homenagens, de oferendas, de oblatas, de lisonjas, o Novo Ano que nasce... Convem aplacar-lhe a ira, captá-lo, conquistá-lo, congrassá-lo com a Humanidade desde o seu primeiro dia, desde a sua primeira hora, desde o seu primeiro minuto de vida...

E no ruido, no tumulto, no espasmo das cirenes, das buzinas, das vozes, das musicas, dos clamores, dos foguetes, dos morteiros, confundem-se a um tempo as recriminações e as troças, dirigidas ao Velho Ano que findou, com as saudações e as homenagens erguidas e prestadas ao Ano Novo, ao ano... bom de 1934... — ainda hoje no seu berço, acalentado por todas as esperanças que nele põem aqueles que o saudam...

■ ■

...E, todavia...

...Os anos são todos iguais, semelhantes, pelo menos, uns aos outros, rolando com a mesma velocidade, o mesmo ritmo, a mesma harmonia, grãos de areia identicos da grande ampulheta do Tempo, raro surgindo algum que dos outros se destaque e se assinale por qualquer maior cataclismo cosmico ou por um mais acentuado furor dos elementos...

Tudo o resto que os homens — na sua inconsciencia infantil, quasi primitiva — atribuem aos anos, só a eles proprios, homens, o devem atribuir...

Os anos, que rolam uns sobre os outros, indiferents e alheios ao destino da Vida, não têm a mais ligeira parcela de responsabilidade nos desvarios dos homens, nas lutas dos homens, nas ambições dos homens, nos crimes dos homens... Só os homens são culpados da sua propria desgraça. E, assim, se 1933, agora extinto, foi cortado de desventuras, de convulsões, de ansiedades inquietantes, de sofrimentos, de miserias; se colocou o mundo, por vezes, á beira dum pavoroso abismo que ameaçava subverter todo o equilibrio e toda a ordem das coisas para precipitar no caos a humanidade inteira, não viremos contra ele o punho cerrado, nem despejemos sobre a sua campa, ás catadupas, os vituperios e os apupos...

■ ■

E para quê todo este cortejo pomposo de homenagens ao 1934, que hoje abre as suas portas á vida que vai seguir-se?!... Acaso ele será melhor que o outro que se foi? Tudo leva a crer que não... Tudo conduz á conclusão — dolorosa mas quasi certa — de que deve ser muito pior. E sê-lo-á, sem duvida, se os homens, na sua infinita cegueira, na sua crueldade nata — afinada por todos os requintes das civilizações — não arrepiarem caminho... e não se sentirem possuidos do remorso purificador.

Nada indica que essa hora de paz, de fraternidade e de cooperação esteja proxima. E, mesmo quando ela se avizinhe, a Humanidade não saberá integrar-se nela, senti-la, compreendê-la, vivê-la em toda a sua plenitude, em toda a sua beleza, sem que, para isso, primeiro, junque de cadaveres a Terra.

E, ao pararmos, assim, no alto desta montanha, para contemplarmos o panorama social, ficamos indecisos, sem saber se o homem de hoje, ao fim de milhares de anos de Civilização..., é melhor ou pior do que quando — com a alma embrionaria povoada de pavores e a inteligencia, caotica e informe, acordando da treva para as idéas primarias — vivia, como um bruto, no seio da Natureza hostil...

...1933... 1934... Um ano que rolou... Outro que começa a rolar...

S. C.

Duas gares de Lisboa

Estação do Rocio

Lisboa — o cais da Europa — que se liga a toda a Europa por linha ferrea e ao mundo inteiro pelas aguas do seu porto de mar, viveu muitos longos anos com uma só «cancela» ferroviaria, para dar passagem aos viajantes que das Americas, das Indias e da Africa, iam conhecer a civilização do «continente branco»!

Essa «cancela» unica, essa só «gare», era a estação dos Caminhos de Ferro de Santa Apolonia, num extremo da cidade, confinante com a baixa de Alfama, á beira Tejo.

Foi dessa «gare» que saiu, no tempo do rei D. Luiz I, o primeiro comboio, que teve por «terminus» o Carregado, estação em plena leziria do Ribatejo. Depois, cavaram-se trincheiras, levantaram-se aterros, puseram-se chulipas, aparafusaram-se «rails», lançaram-se pontes, traçaram-se obras de arte, e a linha ferrea levou o comboio até Campanhã, no Porto.

Veio, de seguida, a ligação do Norte com o Sul do País, e construiu-se um barracão pobre, no Terreiro do Paço, a estação do Sul e Sueste, porta junto ao Cais das Colunas para receber alentejanos e algarvios e para dar passagem á gente do Norte para as terras das azinheiras e das amendoeiras. Hoje, tambem já se construiu uma nova e elegante estação do Sul e Sueste.

Feita a linha de Sintra e a de Oeste, edificou-se, nas terras da baixa dos Prazeres, a estação de Alcantara-Terra, ligada, mais tarde, á do Norte e Leste, Santa Apolonia, pela «linha de cintura».

Esta estação de Alcantara-Terra serviu, por muitos anos, tambem a linha de Cascais.

Aprestada para trafego e para movimento de passageiros e de material, a estação de Santa Apolonia foi julgada insuficiente, e assim se levantou a construção da Estação Central do Rossio, passando a de Santa Apolonia unicamente para o serviço de comboios de mercadorias e alguns comboios chamados «comboios de operarios».

A estação do Rossio, situada no largo D. João da Camara, encontra-se perfeitamente no centro de maior movimento de Lisboa. Ligada á baixa de Campolide por um grande tunel, dali partem e ali chegam os comboios de grande percurso, o «sud-express» de Paris, o «rapido» de Madrid, os quatro «rapidos» do Porto, dois ascendentes e dois descendentes, e todos esses comboios-correio que correm a Estremadura, o Alto Alentejo, as Beiras, o Douro, o Vale do Vouga, o Minho e Trás-os-Montes, bem como os «tramways» de Vila Franca e Azambuja. O centro e baixo Alentejo, assim como o Algarve, estão, ha tempo, já ligados, tambem, á rêde Rossio, pelo ramal Setil-Vendas Novas. Desta forma, da «gare» do Rossio se pode sair em viagem para todo o País, como se sai para toda a Europa.

O movimento crescente de viajantes tem feito pensar em edificar uma nova «gare» central em Lisboa, «gare» que se projecta nas terras de Entre-Campos.

A estação do Rossio, cuja «gare» é no primeiro andar do edificio, ligada ao primeiro pavimento por elevadores para passageiros e para bagagens, é, no entanto, apesar do grande movimento, uma estação ampla, majestosa de fachada e larga de acomodações. Nela estão instaladas, tambem, algumas repartições dos serviços de administração da C. P.

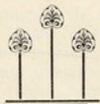
A outra «gare», a que vamos fazer referencia, é a «gare» do Turismo, a «gare» da Costa do Sol, a estação do Caminho de Ferro do Estoril.

Num ligeiro barracão, no Cais do Sodré, instalou-se, primeiramente, a «gare» dos comboios de Cascais, quando estes pertenciam, tambem, á Companhia Portuguesa. Tomados estes serviços ferroviarios pela Sociedade do Estoril, e electrificada a linha, fez-se a construção da actual estação, moderna de traços, moderna de linhas, moderna de disposição.

A actual «gare» do Cais do Sodré, estação do Caminho de Ferro do Estoril, corresponde bem a uma «gare» de turismo. Por ela passam, diariamente, milhares de passageiros, uns que fixaram suas residencias pelas praias da Cruz Quebrada, Paço de Arcos, Oeiras, Carcavelos, Parede, S. João, Santo Antonio e S. Pedro do Estoril e Cascais, outros que vão deliciar-se com a beleza do panorama que a linha serve nas comodas carruagens dos seus rapidos comboios, e tantos e tantos estrangeiros que todos os dias aportam a Lisboa — ao Cais da Europa — e que se extasiam pela suave temperatura da Costa dos Estoris, pelo ceu muito azul de Portugal e pela claridade calma e acariciante desse sol, do País do Sol!

F. B.

Estação dos Caminhos de Ferro do Estoril

(«Clichés» da Foto-Portugal)

A DOCA

(Cliché de Arnaldo Silva)

Todas as docas têm as suas caracteristicas e o seu encanto... A pequena doca de Lourenço Marques, junto á extensa e bem apetrechada ponte-cais, não foge á regra: tem, tambem, o seu interesse. De noite, parada, reflecte os focos de luz da iluminação publica ou espelha e faz ondular, nas suas aguas frisadas, esta magnifica lua africana...

De dia, tem o pitoresco movimento dos barcos dos indigenas, que fazem a travessia do rio, com a sua população algazarrante, mexida, as suas risadas frescas, infantis, as suas discussões, os seus gritos, a sua alegria, os seus azedumes, a sua labuta...

Depois, ao cair da tarde, os barcos atracam, recolhem-se as velas, os gasolinas calam-se, e a pequena doca aquieta-se, aconchega-se na noite... emquanto a ponte-cais, pejada de vapores que chegaram ou que vão partir, continua, pela noite dentro, a lufa-lufa da carga e da descarga, ruidosa, movimentada, na agitação de um negro formigueiro...

ENSAIO LITERARIO

Um par excentrico...

Novela-fantasia

por *FONTALVA*

NAQUELA tarde de outono, em que o ceu ostentava um aspecto curioso e inedito, quando o sol esfrangalhava o incenso do espaço infinito e as nuvens mudavam de côr a cada momento — ao mesmo tempo que faziam lembrar o fumo das chaminés de grandes fabricas, evoluindo-se em coleantes flexões — pairava no vacuo uma chuva miudinha, indecisa, medrosa, não sabendo se devia descer ou subir. O sol, vesperalmente rubro, desfazendo-se em flavos feixes, vermelho de colera por não poder retroceder, vagarosamente avançava para o seu sepulcro: aquele imenso lençol de veludo azul ás pregas, que se tornava menos diafano porque penumbras lentas o envolviam.

Escabujando-se, o ruivo amante da lua engolfava-se nesse insensivel liquido, ao som lugubre duma fanfarra irritante que tocava funereas marchas de Chopin..

Na cidade, o frio era cortante, penetrando até á medula dos ossos, obrigando a carne a arrepiar-se e a dobrar-se, sobre si propria. Numa das ruas — a das Maravilhas — onde nem sempre tudo corria ás mil maravilhas... — os poucos individuos que a essa hora por lá transitavam mantinham voltadas as golas dos casacos, para melhor se resguardarem do intenso frio. Não obstante todos marcharem tam bem protegidos, e muito apressadamente, a fim de mais se aquecerem, um, que se distinguia dos restantes pelo seu trajo estravagante continuava de casaco desabotoado e andava devagar.

Vestia calças claras, dum cinzento muito claro, largas como balões, quasi como duas saias. Se fosse de noite, dir-se-iam duas estrelas a marear, a ondular... a acenar á escuridão... Trajava casaco curto e leve, da côr do fogo, ás labaredas, com botões na cintura, amarelos, á laia de militar. O colete, camisa e colarinho tinham a côr das rosas bastante vivas. Sapatos verdes, gravata de furta-cores e boina amarela, á Asuero, completavam a sua indumentaria, demasiado garrida e aguerrida. O nariz, estruturalmente chato, muito esquisito, pouco se evidenciava... A boca, artificialmente rosada, sorrindo benevola e ironicamente, devia ser a tradução textual das particulas de que se compunha o coração, dos seus sentimentos, quiçá belissimos, como os de muitos espiritos sonhadores que aspiram, constantemente, por um ideal puro na terra. E os olhos!... Esses eram de uma côr vaga, imprecisa, remota... dum brilho diamantino, enigmatico, revelando, por vezes, com toda a diafaneidade, as pulsações dum coração caprichoso — ora magnanimo, ora inconcebivelmente maldoso.

Intrigado, interroguei-me sobre a identidade daquele excentrico personagem. E, como se a minha pregunta tivesse sido formulada em vóz alta, de molde a ser ouvida a qualquer distancia, por meio da radio, a resposta foi-me dada com rapidez tal que me deixou desapontado.

Filosofo Y — assim se chamava — abriu ainda mais o casaco e eu pude ler, distintamente, esta inscrição: «Amigo insuperavel do principe de Marialva».

Aquela alta individualidade, amiga de tam simpatico como admirado principe, tornou-se, para a minha miope inteligencia, num ponto de admiração e noutro de interrogação — num ente superior, misterioso, que me aguçava a curiosidade, que me atraía, forçando-me, imperiosamente, a seguir os seus passos, os seus passos curtos, vagarosos, funebres, graves!...

A pouco e pouco, porém, foi-se mergulhando em profunda meditação; e o seu andar, á medida que o espirito penetrava nas regiões etereas, no azul do sonho, no roseo da fantasia, para depois despertar na crueza da realidade, tornava-se mais moroso. Por fim, não avançava — «marcava» passo, um passo que «marcaria» no mundo cientifico, filosofico e literario...

Maquinalmente, talvez na inconsciencia da sua abismação, levou a mão á cabeça, de lá arrancando a boina, que, por estar mal segura ou por ter sido arrebatada por força invisivel, se lhe escapa da mão, e, como um corpo cheio de gás muito leve, sobe, sobe, descrevendo piruetas, circulos e semi-circulos, curvas e angulos. Tam alto subiu, que da vista do Filosofo se perdeu...

O sol asfixiava-se numa agonia tragica. A noite avançava. E o amigo do principe de Marialva, involuntariamente, fez um gesto de descontentamento: não gostava daquelas interrupções, daqueles contratempos maçadores e inesperados.

\+ +

Um diamante descia da amplidão... Segundos depois, era uma concha refulgente, um diadema fascinante, uma boina materializando a apoteose da luz, do fogo divino... E tam perto chegou, que se poderia tocá-la, estendendo a mão. Mas o Filosofo a tanto se não atreveu: se o fizesse, quebrar-se-ia o inefavel encanto...

E essa coroa, essa concha de ostra lucitremente, retomou o seu vôo, seguindo a direcção duma propriedade rustica, aparentando abandono. O espantado pensador, sugestionado, hipnotizado, seguiu o seu vôo. Mas, ao transpor a porta, esta fecha-se e um cenario invulgar se estende ante si, qual mimo de fantasia jamais idealizada!

A porta e o muro rusticos disfarçavam um pseudo desprezo e uma fazenda que julgavamos abandonada ou sem importancia. Todavia, ali, ignorada de olhares indiscretos (o que parecerá inverosimil), se erguia uma habitação de modelo oriental, com suas cupulas e seus terraços interessantes, rodeada por todos os lados por flores de requintadas côres, de arvores e de uma imensidade de plantas, todas de tipo curioso, que olhos alguns nunca viram...

As arvores de fruta estavam separadas das outras e das flores, formando estas um jardim e aquelas um pomar. No centro do espaçoso jardim, cerebro de fada ou de querubim arquitectara um delicioso lago. No meio, um formidave! repuxo espalhava, em vez de agua, uma especie de poalha dourada, aromatica, balsamica, porque a fragrancia das flores se lhe aderira e lhe dera o cheiro da Agua de Colonia... Circundando o lago, outros repuxos, um pouco mais pequenos, e algumas miniaturas de cataratas, sempre orladas e perfumadas por delicadas flores, completavam a doce sinfonia da agua. E os peixes, nadando nessa hipotese de oiro liquefeito, acoitavam-se de preferencia nas pregas que o pó de oiro fazia ao cair, deixando-se alguns adormecer, embalados pela macia melodia... E a luz formosa, discreta e tepida, em insinuantes cambiantes, dava a ilusão dum mundo superior naquele recinto onde a agua, os peixes, os cisnes, as plantas e o ceu mudavam de côr. Ali, tudo era deleite, conforto, magia, paz, amor, poesia, musica, misterio — misterio que não cansa, que não indispõe, que nos deixa satisfeitos, certamente por o não podermos penetrar, por não nos ser facil compreendê-lo...

Repentinamente, um liliputiano automovel, delicia perfeita do nosso seculo com que ainda ninguem sonhou, um segredo impenetravel daquela edenica mansão, surgiu, enleado na fina gase do encanto, guiado pelo transparente veu de encantadora feitiçaria...

E com a mesma magia a portinhola se abriu, para dar passagem ao pensador. Conduzido através do pomar que rodeava a casa, silenciosamente parou no vestibulo desta; uma porta se abriu: alguem apareceu, curvado, em enfatica mesura, que cativava, que atraia, que prendia. Num gesto polido, aristocratico, quasi imperioso, convidou-o a introduzir-se no elevador de modelo e maquinismo até ali para ele desconhecidos: uma luxuosa «cabine» mobilada com gosto e simplicidade inigualaveis. A arte e estetica agradabilissimas, alia-se o grato perfume de violeta que impregna o ambiente.

Estranha curiosidade! Em vez de subir para o primeiro andar — o unico que, de fora, se lhe atribuia, além do rés-do-chão, o elevador desceu, fazendo ouvir uma harmoniosa fantasia, ilusão dum sonho que se arrasta e nos transporta ao páramo das ilusões.

O elevador desce um andar, dois, três... até que pára numa antecamara, perto do «appartement» ardente da mulher-ninfa, da mulher-hipotese, que, de pé, aguarda, envolta num penteador de seda da China, matizado aqui e ali, emoldurando-lhe o subtil corpo, de formas pouquissimo salientes, que mais se adivinham do que se vêem... A seu lado, um lirio não ganharia na comparação da elegancia. Seu nubil corpo aparenta, num dualismo incerto e vago, a finura do bambu e a gracilidade dum lirio. O seu bizantino aspecto fascina, estonteia e subjuga as maiores vontades.

Os seus braços esqueleticos, colossais, estendem-se. O pensador ajoelha-se a seus pés, vencido pela fascinação daqueles olhos astrais que ora são picantes como alfinetes ora acariciadores como o veludo, como o setim; beija-lhe as mãos divinas, em cujos dedos compridos e finos unhas de opala têm reflexos roseos... Um estremecimento percorre o corpo franzino da fada, ao sentir a caricia dos labios do poeta filosofico a perpassar nos intervalos e nas pontas dos dedos. As palpebras cerram-se-lhe e os longos e sedosos cilios tremem como se sacudidos por um jacto de vento. Depois, o rapaz ergue-se e vê-a a andar: julga-a uma pomba que vôa, uma nuvem que se evola, uma realidade... que se desfaz num sonho...

A original mulher senta-se e sorri-lhe; o seu sorriso é um iman, que deixa a descoberto uma selecção de perolas... A boca é uma geleia de morangos, os labios apresentam a forma dum coração, a sangrar... A voz maviosa, languida e liquescente, derrama-se: é um suavissimo oleo, um fio de veludo que se rasga, rasgando o silencio:

— Sente-se aqui, na minha frente, e conversemos.

O seu olhar, suplice, capitoso e inebriante, licoroso vinho correndo aos fios, poisa no dele. O jovem Filosofo senta-se numa comoda e estofada cadeira e o solavanco que esta dá transmite-lhe a impressão de ter caido no cabelo ebanico dela, nesse oceano ondulante, escuro, nocturnal...

Sensual aroma da Persia ou do Japão ondula na atmosfera do quarto, fazendo que uma inercia deliciosa o invada. Caía já no seu habitual enleio, quando ela o arrancou, murmurando em brando tom de censura:

— Filosofo Y, quando você devia estar embaraçado e tremulo, num lugar ignoto, como o é este, entrega-se ás suas meditações?

— Perdõe, minha senhora, tamanha descortezia; mas é que o mundo obriga-me a pensar constantemente, e como não faço mal ao mais pequenino ser vivo, espero que mo não façam a mim.

— Na verdade, assim devia ser. No entanto, os espiritos maus nem o melhor dos homens pouparão.

— Todavia, outro tanto não espero, porque

o vosso inefavel sorriso é o testemunho fiel da suprema bondade que o vosso coração espalha onde quer que esteja...

Subtil ironia, vincada em ligeiro sorriso, se desprendeu da misteriosa dama, ao ser pronunciada tal lisonja.

Curto silencio se notou. Os dois olhavam-se com naturalidade... É a ela que se deve esta frase:

— Tenho ouvido falar da sua cordura e inteligencia e cheguei mesmo a ler muitos encomios aos seus belos predicados de moralista...

— Por quem sois, senhora... São elogios — nada mais.

— Sejam ou não — continuou ela, enleando-o com sorriso tentador — tenho a pedir-lhe um favor...

— Mil, se precisos forem e se estiverem ao meu alcance, encantadora fada.

— Muito obrigada. Oiça-me, pois: Amo um rapaz que faz parte da Ala Avançada dos Novos. Todavia, como ignoro se serei ou não correspondida, o que me aconselha você a fazer nesta emergencia?

— Agradeço, senhora, a immerecida honra com que me acabais de distinguir, mas sinto diver-vos que, sobre assuntos dessa natureza, sou um nescio muito razoavel...

— Como assim? — interrogou ela com entonação de secreta alegria.

— Porque nunca amei. Talvez pareça impossivel...

— O quê! Você nunca amou? Nunca sentiu o coração abrasado pela chama do Amor, que tudo devora: felicidade, brio, e a propria razão? Você, de facto, jamais experimentou os efeitos, ora terriveis, ora magnificentes, que esse profundo e inevitavel sentimento produz na nossa alma, no nosso coração, no nosso corpo, numa palavra: na nossa existencia? Você, um Filosofo de valor, nunca quis profundar o divino sentimento?

— Não amei, é certo, mas já estive no Caminho do Amor. Nessa altura, a voz da minha consciencia arrancou-me da especie de marasmo a que eu me ia entregando, aconselhando-me a que tivesse cuidado, que esse amor poderia ser-me fatal, visto quasi todas as mulheres serem ruins... Fui forte: retrocedi, apaguei a chama que principiava a queimar-me e tenho-me mantido numa invejavel continencia... A culpa é das mulheres, sòmente, porque são más.

— Embora as mulheres sejam más, como lhe quere parecer, se houvesse uma com quem você simpatizasse, já por se salientar das outras pelo seu recato, inteligencia e cultura, já porque o amasse a ponto de se sacrificar, você não a amaria?

Filosofo Y ia entrando no campo das luzes; mas, querendo ver desenrolar-se a meada, para saber onde estava o fio, respondeu:

— Trataria de observar se o amor que dizia dedicar-me era ou não verdadeiro. E, neste caso, se não lhe tivesse amor, procuraria fazê-lo nascer...

— Você trouxe-me a felicidade!...

— Não a compreendo...

— Pois não me compreendes? Amo-te. Quero-te, desde a primeira vez que te vi numa janela do jornal onde escreves. Tenho sofrido com a tua ausencia e gozado quando te vejo. Hoje, sou quasi inteiramente feliz. Graças ao efluvio deste afecto, pude atrair-te aqui. Agora, que estás de posse do unico segredo que, egoistamente, hei guardado, com receio de que o descubram, dize-me se me amas, se prometes amar-me.

— Ainda te não amo, mas prometo amar-te e dar-te, fascinadora Ninfa, o meu coração, antes de o esperares... Sinto desejos de saciar-me num banho de amor, mesmo que esse banho me seja fatal...

E, cingindo-se, os dois uniram seus labios num delicioso e prolongado beijo...

Fins de 1933.

O "Ilustrado"

Constituiu um verdadeiro exito o numero especial da nossa revista saido a publico no Natal.

O que conseguimos realizar representa um grande esforço — um esforço a que só podem dar o verdadeiro valor os que conhecem o «métier» ou os que de perto o acompanharam.

Mas sentimo-nos absolutamente compensados de toda a energia dispendida e de todas as preocupações que tivemos para obtermos a harmonica e perfeita cooperação dos que nele tinham que trabalhar — pelo esplendido acolhimento que o publico lhe dispensou.

Foram numerosos, espontaneos e vivos os cumprimentos e as felicitações que recebemos.

Entre esses cumprimentos, houve um que nos impressionou, pelo que teve de incisivo:

«Os meus parabens pelo magnifico numero do «Ilustrado. Vinha tam bom que até parecia uma revista feita no estrangeiro!»

Acaso este admirador efusivo é um estrangeirado, uma pessoa que só acha bom o que nos vem de países estranhos e que deprecia e despreza tudo quanto é nosso? De maneira nenhuma! Conhecemo-lo muito bem e, por isso mesmo, podemos até afirmar que se trata duma pessoa que possui uma alma e uma mentalidade bem portuguesas. A sua frase, portanto — àparte uma pontinha de exagero, filha do entusiasmo da sua amizade — não pode ser tomada á conta de estrangeirismo e só quere significar que não tem idéa de que em publicações portuguesas do genero se tenha produzido melhor ou tam bem — só podendo comparar o nosso numero especial a revistas estrangeiras congeneres.

Haverá em tudo isto, como dizemos, alguma coisa de exagerado? É possivel. Mas tambem ha muito de justiceiro.

Na verdade, num meio como este nosso e sem possuirmos as perfeitas oficinas — dotadas com tudo quanto ha de mais moderno — em que se organizam e realizam estas publicações, o conseguirmos um numero como aquele que constituiu o n.º 17 do «Ilustrado» — e até os seus numeros normais — não é um facto banal: é um milagre! E só a extraordinaria boa vontade, aliada á competencia, de todos os seus cooperadores, permitiu e permite que isto assim sucedesse e suceda.

É provavel que estas palavras sejam incompreendidas por alguns. E sê-lo-ão, certamente, por aqueles que, totalmente alheios ao «métier», na compacta e plena ignorancia deste genero de trabalhos — e sem curiosidade para se esclarecerem e procurarem inteirar-se do assunto — imaginam que estas coisas nascem... feitas e não representam nenhum esforço mental, profissional e material..

Mas esses — felizmente! — hão-de ser poucos, muito poucos mesmo. E, assim — repetimos — sentimo-nos sobejamente compensados pelo côro de felicitações e de incitamentos que nos chega de todos os lados.

O publico começa a sentir a necessidade do «Ilustrado» e a reconhecer o arrojo duma tal iniciativa e o esforço que nela é preciso empregar? Isto nos basta. Sendo assim, a nossa revista grafica — criada para esse mesmo publico — poderá manter-se, melhorar, progredir, expandir-se, cada vez mais e melhor, cumprindo, integralmente, a sua interessante missão e honrando a Colonia.

A Imprensa local referiu-se ao nosso numero especial com carinhosas palavras de justiça pelo esforço realizado. Conhecedores do «métier», os nossos colegas souberam dar o devido apreço a esse esforço, premiando-nos com palavras que não podemos esquecer. A todos os nossos mais sinceros agradecimentos.

"Terra de Portugal"

Subiu á cena, com geral agrado, uma revista local com este titulo, da autoria dos nossos companheiros de redacção Fernando Baldaque e Arnaldo Silva — revista que lhes foi — digamos — encomendada pela Comissão dos Padrões da Guerra.

Nunca simpatizámos grandemente com este genero de teatro. Mentiriamos se dissessemos o contrario e estariamos em contradição com nós proprios, com o que sobre este assunto já por várias vezes temos escrito e publicado.

Mas, por isso mesmo, mais valor têm as nossas palavras, certo, como é, que tambem não somos capazes de louvaminhas, nada influindo no nosso espirito a circunstancia da revista ser original de dois nossos companheiros de trabalho.

Consideramos a revista como um genero inferior de teatro. Pensamos mesmo que ela está fora da verdadeira e elevada função educativa deste genero literario de tam espinhosas dificuldades.

Pois bem. Mesmo assim, os dois autores da «Terra de Portugal» conseguiram realizar, despretenciosamente, um conjunto interessante, sem descambarem no chulo e no pornografico que peja varias das produções similares metropolitanas. Conseguiram, em suma, urdir, dentro do acto, uma série de episodios leves, surpreendentes, numa critica ligeira, alguns aspectos e ridiculos do nosso pequeno meio social, focados com acerto, sem ferir

Um interprete da revista

demasiado fundo. Por outro lado, o acto está salpicado de varios numeros interessantes de musica bem aproveitada, pena tendo sido que alguns deles não tivessem tido mais movimento, mais vivacidade — falta de vida e de expressão que, embora desculpavel em amadores, prejudicou certos efeitos cenicos parciais e de conjunto. A revistazinha, quando representada por uma companhia do genero, teria ganho muito em expressão e teria, assim, satisfeito por completo os apreciadores de teatro ligeiro.

Vai subir á cena, em «réprise», a «Terra de Portugal», agora acrescentada com um segundo acto, constituido por numeros muito felizes.

É natural que, desta vez, com maior numero de ensaios e habituados já muitos dos amadores — que pela primeira vez pisaram o palco — á luz da ribalta e ao contacto com a platéa, resulte melhor, mais segura e com mais vivacidade e graça a interpretação da interessante revista.

Não devemos, porém, fechar estas leves impressões sem salientarmos o trabalho muito apreciavel de José Argent («compére»), Dina Argent («commere»), Cristovão Gambeta (em duas rabulas), António Braz, Vitor Hugo de Almeida, Sara e Ema Santos e Raquel Duarte, que se houveram quasi como profissionais da cena.

Como quere a S. D. N. ser ouvida nas suas prelecções de Paz? Como quere a Europa ter sonhos de Paz? Como quere a Mandchuria ver chegar-lhe a Paz? Como querem, finalmente, que reine a Paz em Varsovia?

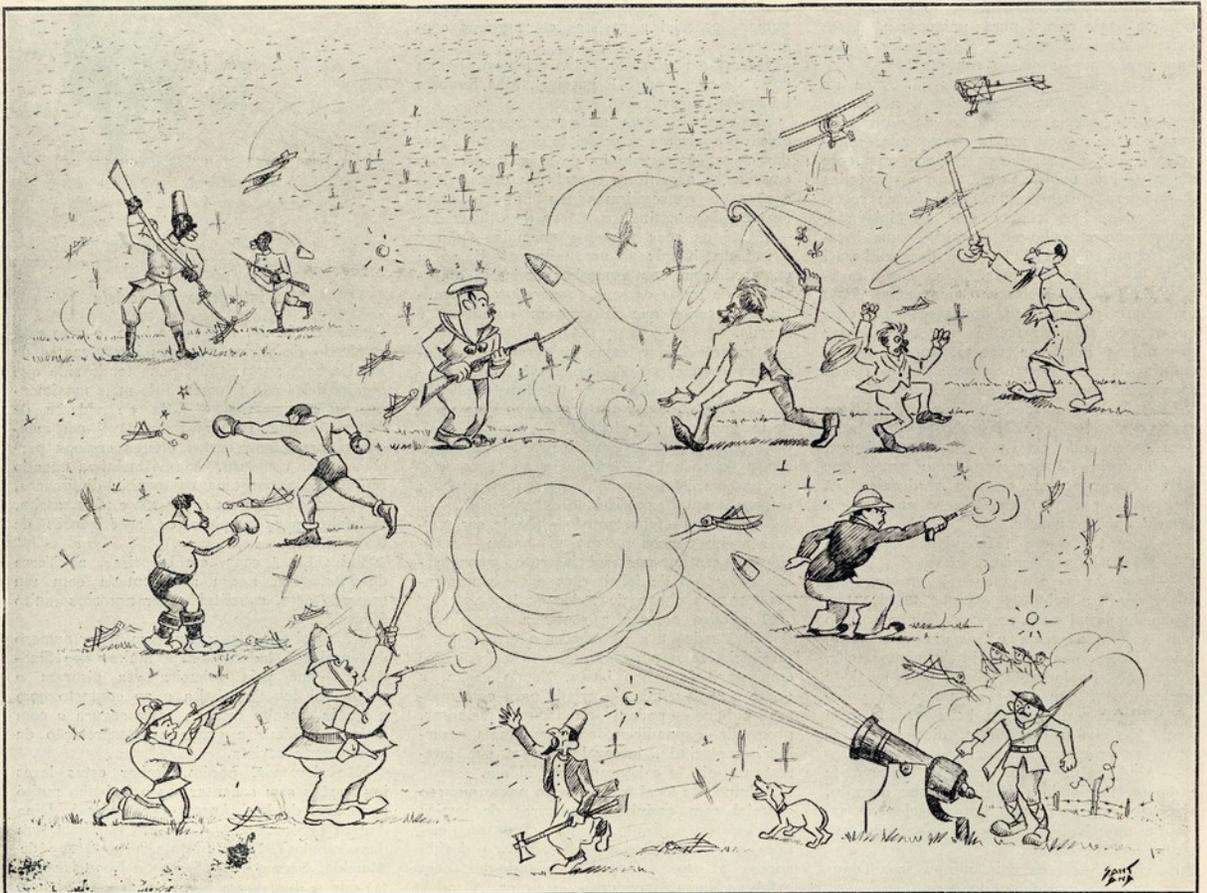
Como

Se o espirito da época é belicoso, se a época tem o espirito da guerra!

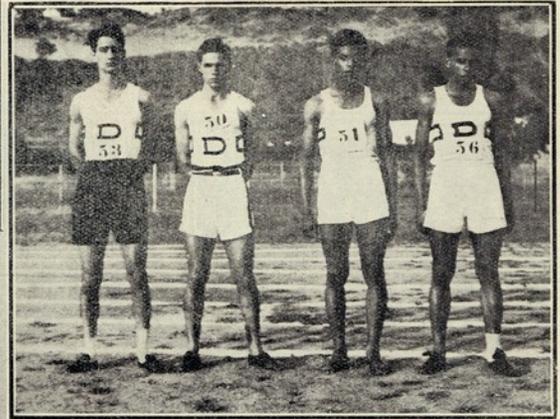
Nem sequer existe a Paz do Lar, para a qual antigamente só havia a hostilidade das Sogras, e, agora, a engrossar esse exercito inimigo da «boa Paz» ha o Divorcio, o Turismo e o Nudismo?!

Tudo anda, neste mundo, a premeditar a agressão, a planear o desassossêgo. Aqui, neste cantinho de Africa, onde não nos atormenta o tiro dos canhões, o chuveiro das metralhadoras e a arrancada das lanças, quando, apenas, nas trincheiras orçamentais, se esboçava o avanço da Carta Organica do Imperio, surgiu, aguerrido, um exercito invasor, um exercito armado e equipado, devastador e cruel.

Esse exercito, mobilizado no país da Gafanhotolandia, avançou, em coluna cerrada, como a infantaria em Verdun, carregando sobre a terra de Lourenço Marques. Na frente, a «secção de quarteis», espiolhando o lugar do aboletamento e procurando a melhor hortaliça para o «rancho». Depois, com o seu general-comandante, o grosso da coluna entrou, tocou a alto, acantonou, e, mal se encontrou acantonado, atirou-se ao rancho, enchendo as «latas».

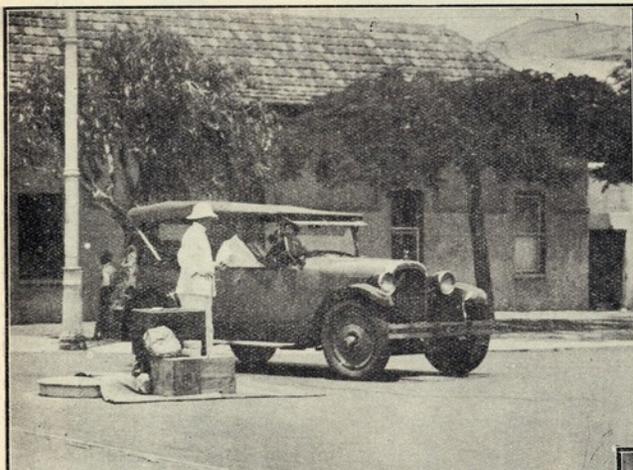
Neste momento, preparou-se a defesa da cidade, e, ao brado de «ás armas!», tudo correu aos armeiros e entrou na forma. Vieram os Leões, os Pretos-e-Brancos Desportivos, os Primeiros de Maio, os Ferro-Bicos, todos de «shoot» preparado, fazendo uma cabeça na bola para os queixos dos gafanhotos; vieram os «boxeurs», de luvas de quarenta onças, para apanhar as gafanhotas pelas asas; vieram os «taxis», tocando buzinas, para ensurdecer o orelhame gafanhotico; vieram os «omnibus», para atropelar as posturas, mas, como não vinham no horario, chegaram atrasados, e os ovos já estavam preparados para «omolette»; vieram as motos, fora da mão, em pé de guerra; vieram os ciclistas; vieram, depois, as ambulancias do serviço de limpesa do sr. Santos Gil, para tratar da saude aos invasores, e, no fim, veio o Quartel General da Agricultura, a cantar a canção do lança-chama, mas, nesta altura, os gafanhotos olharam a chama e fizeram pouco do aparelho!

(Fotografias do «Laboro Fascista»)

Campeonato de Atletismo

de Lourenço Marques

Terminou no dia 31 de Dezembro ultimo, com optimos resultados, o campeonato anual de desportos atleticos de Lourenço Marques, organizado pelo Grupo Desportivo de Lourenço Marques, em que tomaram parte todos os clubes locais e o Esquadrão de Dragões.

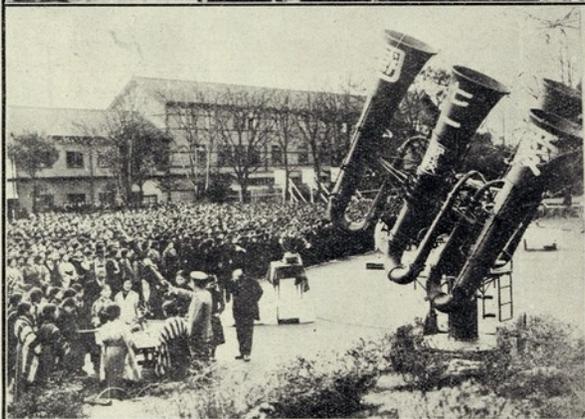
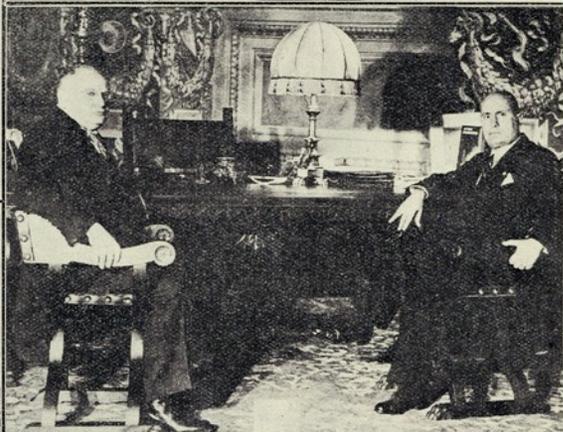
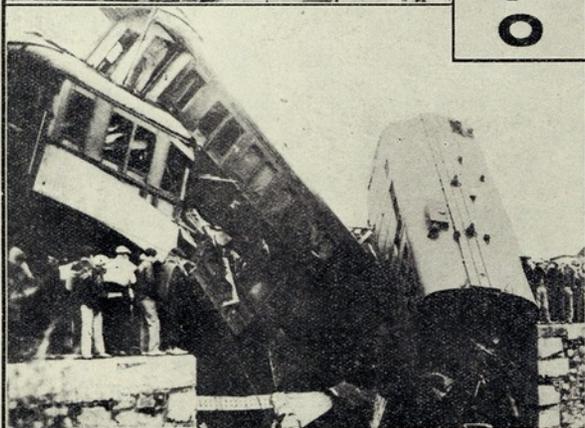
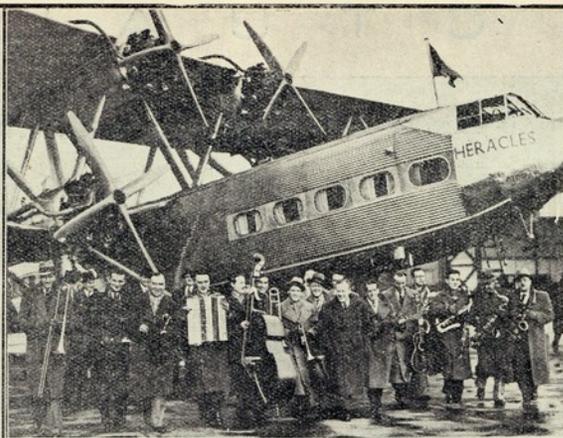
Nas gravuras: em cima, á esquerda, a «équipe» do Sporting, vencedora da estafeta 4 × 100, composta por Barreiros, Mario Sá, Anibal Borges e A. Sampaio (da esquerda para a direita); á direita, a «équipe» do Desportivo, vencedora da estafeta olimpica, composta por Anselmo Almeida Dias, A. F. Ferreira, Antonio Bento e José Bento (da esquerda para a direita); ao centro, da esquerda para a direita, J. C. Ferreira, do Desportivo, vencedor da prova de triplo-salto; Barreiros, do Sporting, vencedor de diversas provas, e Jacinto, do 1.º de Maio, vencedor da prova de saltos em altura; em baixo: Barreiros entrando na meta, na prova de 200 metros.

(«Clichés» Mario Sá)

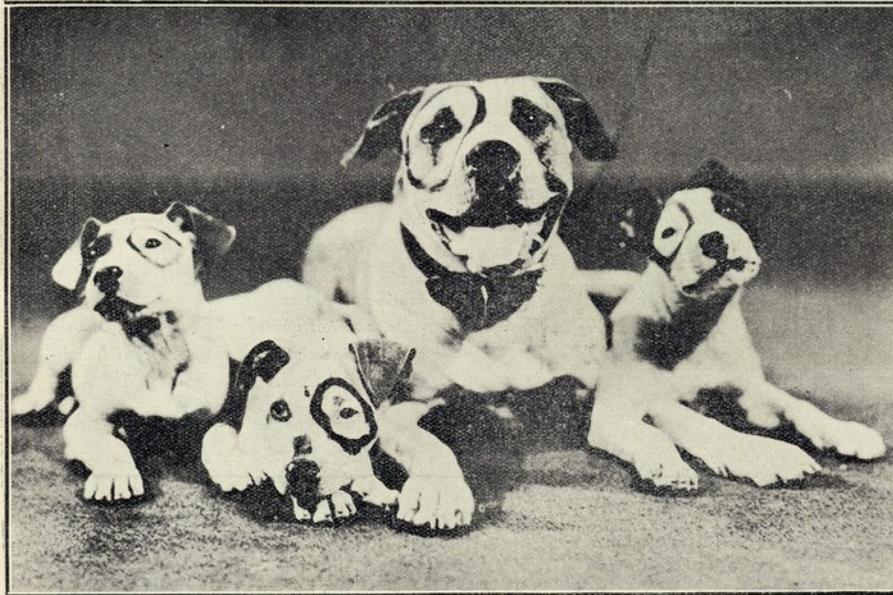
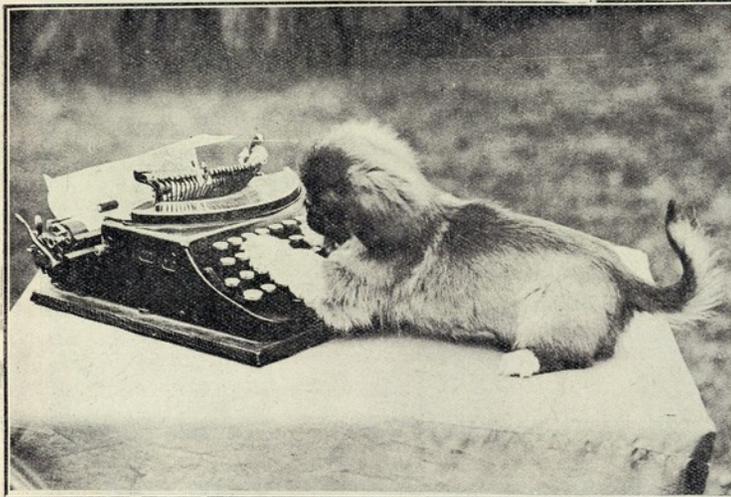
A C T U A L I D A D E S

A' esquerda, de cima para baixo: *Trez aspectos do dia das «Boas Festas do Sinaleiro» realisado no dia 30 de Dezembro ultimo. As trez fotografias foram feitas pelas 11 horas da manhã, quasi no inicio das dadivas.*

A' direita, de cima para baixo: *Um aspecto da exposição de trabalhos das alunas da Missão da Munhuana O presepio armado na Igreja da Missão da Munhuana.*

O sr. Fernando Martins e Mlle. Odete Pedroso que realizaram o seu enlace matrimonial no dia 23 de Dezembro, acompanhados das suas damas de honor e caudatarios.

Do Estrangeiro

De cima para baixo:

A Gran-Via, no coração de Madrid, onde foi discutido o ultimo movimento revolucionario extremista. — O expresso de Sevilha que foi dinamitado numa ponte proximo de Valencia, morrendo 20 pessoas e ficando feridas 36. — No Japão, as raparigas das escolas oferecem peças anti-aereas ao Exercito Japonez: A cerimonia da entrega. — A banda Jack Hylton, subiu no avião «Heracles» da Imperial Airways, e voou sobre Londres radio-dispersando musica popular; Momentos antes de entrar no avião. — Os extremos tocam-se: Litvinoff conferencia em Roma com Mussolini. — Em Logrono, um dos centros da revolta espanhola, a policia prende muitos revoltosos depois de ter morto alguns. — Concurso de belezas «pesadas» que se realisou na California. Miss Flo Jones, no primeiro plano, felicissima por ter alcançado a vitória com os seus 160 quilos.

Os cães

Esta pagina simpatica e expressiva dedicamo-la aos «miudos» amigos do «Ilustrado»...

Ao centro da pagina vêem os meninos uma «mamã», com os seus três «Tó-tós», assistindo ao engraçado espectaculo: ás habilidades dos três figurantes...

Em cima, temos um «bull-dog» — excelente actor... — numa magnifica atitude, pronto a ser filmado num grande papel de bandido.

Ao lado, apresentamos um espertissimo «petiz», que é um dos mais competentes dactilografos de todo o mundo... dos cães...

Finalmente: um lobo da Alsacia, eximio equilibrista, como se está vendo.

...E acabou o espectaculo...

Vila de João Belo

a mais interessante do distrito de Lourenço Marques

É a Vila de João Belo, sem duvida, a vila mais ridente do distrito de Lourenço Marques, a que vicejou progressivamente, para, depois, estacionar, mercê das vicissitudes que surgiram, umas talvez de ordem politica, outras de ordem economica — trazidas pela crise, que, infelizmente, vem, de ha muito, avassalando tudo e todos.

Tem a Vila de João Belo predicados importantes, que a não deixam morrer aos olhos de quem uma vez a visitou: são as suas belezas naturais, porque as tem, e é o simpatico bairrismo dos seus habitantes, que pugnam pelo seu desenvolvimento, sem a mais leve sombra de desanimo, como outrora defenderam as terras que a rodeiam os nossos grandes guerreiros, numa luta consciente e heroica, contra a rebeldia indigena que pretendia avassalar os homens e as coisas.

Visitar a Vila de João Belo é proporcionar aos espiritos admiradores do progresso da colonia de Moçambique um pedaço de terra portuguesa digno de ser visto e digno de ser mais ajudado, para que os seus habitantes possam ver coroado de exito o melhor do seu esforço, qual é o de alevantar bem alto a terra a que se dedicaram fraternalmente.

A praia Sepulveda é o mimo das praias do distrito; a sua beleza natural torna-a um quadro maravilhoso onde as côres distribuidas por pincel de artista dão a harmonia mais digna de admiração.

Conduz-nos ali uma pitoresca estrada, cortando, por vezes, passagens alcantiladas, onde a verdura exuberante nos dá a côr duma estrada serrana de Portugal.

As gravuras que publicamos nesta pagina dão bem uma nota parcial da beleza da Vila de João Belo e da sua praia Sepulveda.

Em cima, um lindo trecho da avenida principal da vila, que frondosas arvores cobrem quasi por completo, como que a torná-la num tunel.

Ao centro, uma vista das moradias de alvenaria e de algumas palhotas, bem construidas, que servem de barracas de banho.

Em baixo, um magnifico aspecto da praia, vendo-se distintamente, na gravura, o quebra-mar, natural, que é, ao mesmo tempo, uma optima trincheira para resguardar os banhistas dos tubarões.

Da esquerda para a direita:

Lindo casaco da nova seda Otomana, em que reaparece a antiga moda dos «presuntos», sobre um vestido de seda azul.

Distinto «ensemble» de seda grossa otomana, côr de marfim. A gravata é de moiré preto que tambem guarnece os tufos das mangas Modelo da casa «Baroque» de Londres.

Encantador casaquinho de «cordeiro tosquiado» com mangas de «meios presuntos».

Toilete de jantar, de veludo preto, com a frente e as mangas de lamé de prata e ouro. Modelo da casa «Baroque», de Londres.

Outra toilete de jantar, tambem da casa «Baroque», de Londres, que faz lembrar os dias medievais E' feita de veludo preto lustroso com grandes botões de madre perola á frente e com as mangas debruadas com pele. A capinha é bordada a fio de «pele de anjo» côr de marfim.

As trez premiadas no ultimo concurso de penteados de Londres: Da esquerda para a direita: 2.º premio, 1.º premio e 3.º premio.

O regresso ao Paraíso...

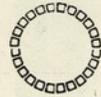
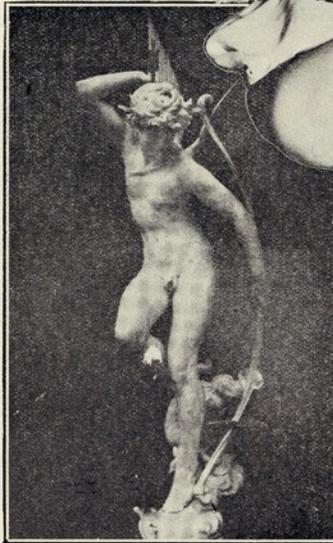
O regresso ao Paraíso... ou uma evolução regressiva...

Adão e Eva — o primeiro par humano de que nos fala a lenda... — viveram nus...

Assim no-los apresenta Peter Brerer, no magnifico grupo escultural que reproduzimos nesta pagina. Unidos, enlaçados, confundidos como duas forças complementares da Natureza, mas pesando já sobre eles toda a Tragedia sombria do vago Destino dos homens, da Fatalidade da sua vida de desterrados...

Nu, na plenitude da sua artistica nudez — que a Arte não tem pudor — nos apresenta Jules Cortan «Eros, o Amor», escultura em que ha equilibrio, graciosidade e movimento.

E para o nu parece querer evolucionar-se... Para disto nos convencermos bastará o atentarmos nas outras gravuras desta pagina...

Uma delas mostra-nos o semi-nudismo dum «bar» moderno — ...«paisagem» a que os nossos olhos já se têm acostumado, com os habitos diarios das nossas praias...

Outra, apresenta-nos a conhecida actriz de cinema Florine McKinney — uma beleza sem adornos — decentemente despida...

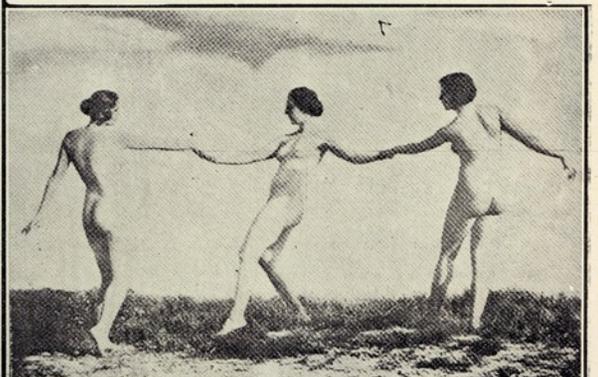
Finalmente: um curioso frizo de nu integral, fotografado numa colónia nudista da Alemanha.

E, assim, evolucionando regressivamente, a Humanidade — triunfalmente nua — reentrará no Paraíso onde viveu, integralmente nu, o primeiro par humano!...

Estrelas... de bicicleta

As Walkirias cavalgavam, lá pelas alturas, entre nuvens, os seus fogosos corceis.

Estas «Estrelas» preferem andar pela terra e substituir os cavalos pelas bicicletas...

Conhecem-nas, não é verdade? São todas artistas da «Metro» e não necessitam de apresentação...

Irene Harvey, que muito aprecia este genero de desporto, acha muito pratico este meio de conduzir a sua mascote «Fido». E lá vão as duas num delicioso passeio...

Jean Harlow, a estrela loura-platinada, está pronta para o seu passeio diario e a sua alegria é grande por ir pôr... as perninhas a mexer...

Joan Parker encontrou esta bicicleta no deposito das coisas velhas dos estudios e tratou de aprender a guiá-la nas suas horas vagas. Está radiante! Descobriu que esta maquina é «extraordinaria» e que foi inventada, em 1879, por Singer, o celebre inventor da maquina de costura do seu nome...

Joan Crawford, sorridente, satisfeita, prepara-se e exercita-se para o desempenho de um dos seus papeis num filme.

E Mae Clarke, verdadeira entusiasta do ciclismo, faz uma paragem, junto dum posto de sinalização, para se deixar fotografar antes de continuar o seu passeio.

Em Hollywood, onde este desporto está muito em voga, ha muitas mais «estrelas» que o cultivam. Mas tenham paciencia: não cabem mais na pagina...

Por muito extraordinario que o facto pareça, por muito estranho que ele se apresente á nossa sensibilidade e ao nosso sentimentalismo de ocidentais, nada ha, porém, mais positivo, mais tristemente verdadeiro: na China, não se conhece o Amor!

A leitora benevola que seguramente se indignou com a insolita atitude do Japão para com o Celeste Imperio, a quando do «conflito» da Mandchuria, e, por certo, se apiedou, ao depois, tambem, com as humilhações e as revezes que sobre ele choveram, acto continuo, ao ler esta singular revelação é que não deixará de se sentir profundamente emocionada e de dizer para consigo:

— Desgraçados chineses!

E bem desgraçados, com efeito. Não amando, não sentindo aquele doido frenesi do coração, que gera tanta maravilha e produz tantos milagres, o pobre china está naturalmente liberto daquele sem numero de sofrimentos que, de ordinario, caracterizam o «delicioso pungei». Desconhece as longas, as devastadoras horas da incerteza e da duvida, ignora aquele tantalico esvurmar do ciume, a punhalada cruel do desengano, a dôr sem igual duma traição... Mas, ah!, ignora, tambem, a exultante alegria, as indiziveis venturas do amor correspondido! Os dias de confiante espectativa, em que os olhos andam tecendo aquela linda teia de ilusões e de vagas promessas, os enlevos do idilio, a divina exaltação do primeiro beijo, o deslumbramento auroreal da posse, emfim, toda a transfigurante felicidade de amar e ser amado.

E se o nosso peito se enche de compaixão ao ver como essa enigmatica criatura de longos bigodes pendentes passa alheio a todo este mundo de sentimento, ¿que dizer dessas meigas raparigas de pézinhos comprimidos e olhitos cortados em amendoa, secularmente destinadas á submissão e á clausura?

Anda muito longe delas esse aliciante amalgama de ceu e de inferno, que é a condição de todos os grandes, de todos os verdadeiros amorosos. Porque não são inteiramente, verdadeiramente mulheres. Porque não sabem o que é o Amor...

Vitimas de tradições egoistas, jamais consideradas como seres humanos e independentes, mais coisas que pessoas — o seu coração não se entreabriu ainda ao sentimento que entre nós é sobre todos nobre, sobre todos sublime.

Talvez que semelhantes afirmações a alguns pareçam atrevidas. Para esses, para aqueles em cujo espirito a duvida subsiste, invocaremos o proprio testemunho de alguns chineses inteligentes e cultos. E ninguem melhor conhece a casa que quem nela vive...

Vejamos, por exemplo, o que numa conferencia em Nanquim (*), perante selecta assistencia, declarou, ha pouco, o conspicuo catedratico da Universidade de Pequim dr. Hu Cheu Tcheu:

(*) Esta conferencia acha-se transcrita no interessante livro de T. S. H. Thompson, «O Enigma do Despertar da China», depois de ter sido reproduzida em varios jornais.

COISAS DA CHINA

A questão do Amor

«Reconheçamos abertamente que aquilo a que os europeus chamam «love», «amour», «liebe», ou de qualquer outra maneira, cada em sua lingua, não tem palavra que o exprima em chinês. A idéa da coisa e a palavra para a traduzir por igual nos faltam. A palavra «luan nai» tem um sentido torcido, um pouco menos mau que a palavra «kien yin» (libertinagem).

«Resulta, daqui, que é sempre com este mau significado que a interpretam os letrados de ouvidos receosos. Reconheço-o. Em toda a literatura historica, moral, juridica ou puramente literaria, não se fala jamais de amor, no sentido europeu da palavra. Ainda mais, pode extrair-se esta noção dum texto em que Confucio faz uma diferença entre o prazer e a licença, e duma estrofe em que se fala duma certa pessoa atormentada de insonias á força de pensar noutra pessoa. ¡É que toda a nossa literatura é obra de seculos de poligamia! ¿E pode-se falar do amor entre poligamos?

«Não é, pois, de estranhar que, escondida no fundo dos cerebros chineses, subsista enrolada sobre si mesma, á maneira das serpentes, e não queira sair dessa idéa de que o amor e a libertinagem são dois termos sinonimos.»

Referiu-se, depois, o sabio professor á estranheza que na China tem causado a propaganda da instrução entre as mulheres, assim como as generosas tentativas para a sua independencia financeira e para a demolição da moral antiga, concluindo logicamente não ser de estranhar «que o termo abstracto «amor» — que, na verdade, é obscuro para os não iniciados — cause tanta desconfiança e espanto.»

Censurou, ainda, o bom homem de ciencia que na China a mulher continue sendo o «objecto» de prazer do homem e que as filhas sejam «propriedade» dos pais, terminando, desempoeirado e bom conselheiro:

«De hoje em diante, o matrimonio, instituição que transmite a vida, que continua a nação e as civilizações, deverá ser uma união contraida como consequencia dum sentimento especial, que os europeus chamam «amor» e que nós outros chamamos, provisoriamente, «luan nai», emquanto não tivermos criado uma palavra mais adequada.»

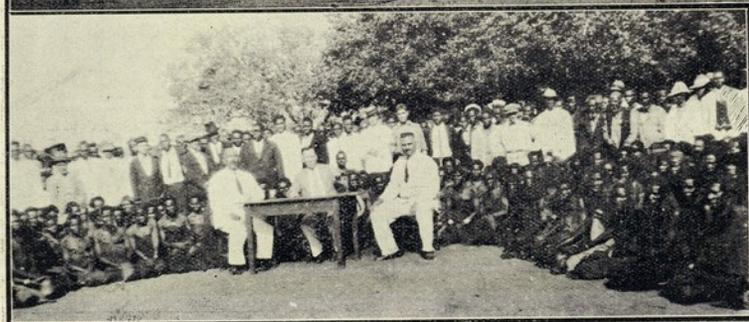
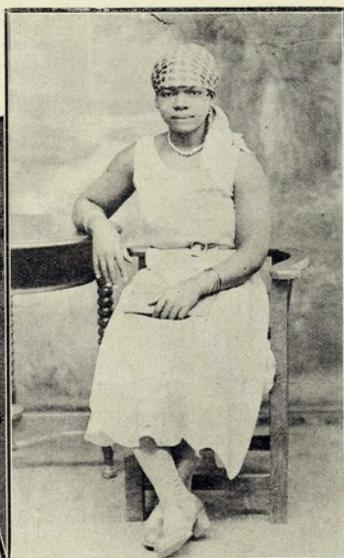
As palavras do conceituado lente são bem claras, bem significativas.

Forte de suas liberdades, orgulhosa de suas prerogativas e do seu incontestado prestigio, casada ou simplesmente noiva, a mulher europeia que ler estas linhas não poderá eximir-se a um natural sentimento de piedade ao confrontar-se com a sua irmã oriental e ao comparar o ambiente em que se agita o china licencioso com o seu lar, em que ha luz, carinho, conforto. E só o seu coração compassivo poderá responder ao angustioso quesito: ¿São ou não são desgraçadas as chinesas?

PAULO RAMIREZ

Jardim Zoologico

Uma das principais ruas do Jardim

Página indígena

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

Um aspecto da assistencia á conferencia sobre agricultura indigena, feita pelo africano sr. Joaquim Swart, em Chirramo, Vila de João Belo; uma beleza indigena; uma macua de cara caiada; alguns regulos que assistiram á conferencia do sr. J. Swart; outra macua de cara caiada; o sr. Joaquim Swart, com o administrador da Vila João Belo, sr. Francisco Lino, quando da sua conferencia.

Já não quero outro:
Agora o
SABÃO
DE
MOÇAMBIQUE
Lava bem!